



Educação da Orfandade Sanjoanense: o caso do Asilo de São Francisco de Assis

Fabiana Inácia da Silva Assunção

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Doutoranda em Educação/UFMG

fabihsilva19@yahoo.om.br

Janaína de Assis Rufino

Instituto Federal de São João del Rei – IF Sudeste MG

Doutora em Estudos Linguísticos - UFMG

janaina.rufino@ifsudestemg.edu.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo entender a atuação do Asilo de São Francisco de Assis, da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, entre os anos de 1888-1940, no serviço prestado à infância órfã. O recorte temporal foi estabelecido tendo em vista o primeiro movimento de construção da instituição, em 1888, e se finda em 1940, ano em que a educação dos meninos asilados passou a acontecer em grupos escolares da cidade. Para esta pesquisa foram elencadas fontes históricas diversas, como o estatuto do Asilo de São Francisco de Assis, ata de reunião da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis (VOT), e jornais locais. Para a análise dos dados, utilizou-se sobretudo Foucault, sobre as “relações de poder” e a “produção de saber e de verdade”, o que contribuiu a compreensão do atendimento prestado à infância órfã sanjoanense. Os resultados apontam para uma formação voltada para o aprendizado de artes e ofícios, com o intuito de formar cidadãos disciplinados, aptos para o mundo do trabalho e para servir a pátria e para a formação de indivíduos masculinos, ou seja, homens ordeiros, sadios, produtivos e úteis.

Palavras-chave: Asilo de São Francisco de Assis; educação da infância órfã; formação para o ofício.

Introdução

Ao abordarmos sobre criança, é possível refleti-la a partir de duas perspectivas: a biológica, como uma etapa orgânica da vida, e a social, considerando o contexto e o lugar social em que a criança vive, podendo estes interferirem diretamente na sua vivência. Para Kuhlmann Júnior (2015), a infância é uma condição de criança, ou seja, infância é a criança permeada pelas questões sociais.

A infância no século XIX, foi atravessada por diferentes saberes, isso porque a condição de criança foi estabelecida por códigos na qual a vida infantil foi moldada para atingir objetivos vinculados aos setores mais poderosos da sociedade, como a Igreja Católica e a elite. Queria-se formar sujeitos obedientes, comportados, úteis a si próprios e à pátria. Assim sendo, a vida da criança foi pautada em valores e princípios dos adultos, que elaboravam produções racionais que acabavam por deixar as crianças dependentes funcionais e sociais (Veiga, 2007).

Conforme aponta a historiografia brasileira, a idealização de infância que se tem hoje, de sujeitos de cuidado e educação, foi formada ao longo do tempo. Até o início do século XX eram recorrentes o abandono e o analfabetismo infantil. Prova disso é a Roda dos Expostos que, no Brasil, durou até a década de 1950 (Marcílio, 2006), e a não obrigatoriedade escolar para as crianças cujas famílias se autodeclaravam pobres (Guimarães, 2021).

Para a compreensão da formação de meninos dentro de uma instituição asilar entre o final do século XIX e início do século XX, vários conceitos se tornam essenciais para não tomarmos o sexo como factual na constituição do ser humano. Um deles é o conceito de gênero, que mobiliza as múltiplas ações e relações sociais, políticas e econômicas na constituição dos sujeitos. Para Joan Scott (1995), o conceito de gênero nos possibilita pensar que a atribuição social e cultural dada ao homem e a mulher, em sua relação, reflete em como deve ser o comportamento desses sujeitos perante a sociedade. De acordo com a autora, o gênero é constituído nas relações entre homens e mulheres, articulando e possibilitando diferentes jogos de poder dentro de uma determinada sociedade.

Segundo Machado e Seffner (2013, p. 356), a categoria gênero, que durante muitos anos foi utilizada nos estudos sobre o feminino, vem sendo utilizada em pesquisas que “aborda[m] os processos de produção, manutenção e modificação das masculinidades”, apresentando diferentes grupos de homens em cenários específicos e em acontecimentos históricos determinados. Nesse caso, a figura masculina é analisada em diferentes circunstâncias, como na esfera do trabalho, do cuidado com o corpo, no contexto familiar, entre outras.

Pedro Paulo Oliveira (1998) afirma que nas relações de gênero e nas questões de classe e raça, o trabalho com as masculinidades pode acontecer. Isso porque a construção e a manutenção de uma hegemonia recorrem às relações de poder, subordinando os inferiores a diversos segmentos da sociedade. Posto isso, o estudo das masculinidades se apresenta como crucial para o entendimento do poder, dos privilégios e das dinâmicas nas relações de gênero. Raewyn Connell (2013) ressalta que, no estudo sobre masculinidades, é importante pesquisar

não somente os indivíduos, mas também as instituições em que as masculinidades se encontram arraigadas. Tal conceito nos leva à compreensão de que existe uma construção cultural e histórica que dita um conjunto de atributos do que significa ser homem, que se modifica dentro de diferentes tempos e espaços.

Diante do exposto, o entendimento do conceito de masculinidades é essencial para este trabalho, já que os sujeitos envolvidos no contexto pesquisado são, em sua totalidade, do sexo masculino, sendo o Asilo de São Francisco de Assis, uma instituição que recebia os meninos pobres, órfãos e desvalidos, considerados um problema da cidade sanjoanense.

Diante do cenário apresentado, questiona-se: qual perspectiva de educação e de formação perpassava as ações do Asilo de São Francisco de Assis? A partir desse questionamento, este trabalho tem como propósito entender a atuação do Asilo de São Francisco de Assis, da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, no que tange o serviço prestado a infância órfã.

O objetivo está traçado dentro de um recorte temporal definido. Tal escolha se dá pelo primeiro movimento de construção do Asilo de São Francisco de Assis, em 1888, e se finda em 1940, ano em que a direção do asilo deixa de pertencer ao Instituto Padre Machado, e este se muda para Belo Horizonte. É no ano de 1940 que o asilo se abre para uma nova etapa de sua história, tendo a sua administração sob inteira responsabilidade da Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis (VOT), passando a educação dos meninos asilados a ser ministrada em grupos escolares da cidade.

Esta pesquisa constitui uma proposta de investigação que visa preencher parte da lacuna historiográfica sobre a educação e a formação da infância mineira, sobretudo no que diz respeito à educação e à formação de meninos órfãos. Visa colaborar, também, para a compreensão dos processos de formação das masculinidades destinados aos meninos pobres, bem como para o entendimento dos processos de constituição de asilos e de internatos destinados às crianças no contexto brasileiro.

Para Foucault (1984), as relações de poder podem se manifestar em diferentes esferas sociais, como a igreja, o Estado, a escola e a família, que buscam modelar as condutas dos indivíduos envolvidos no intuito de submetê-los a um certo tipo de dominação. Tais relações podem ser observadas em diversos contextos, como na relação entre a direção do Asilo e os diretores das instituições anexas, isto é, do Instituto de Humanidades, do Gymnásio São Francisco e do Instituto Padre Machado.

Pensar na educação dos asilados possibilita identificar diferentes “saberes” que foram produzidos para a infância órfã. Tais saberes atuavam como esquemas capazes de moldar sujeitos para a sociedade. Desta maneira, os órfãos se tornaram indivíduos constituídos, e não constituintes da sua vivência.

A análise das informações das fontes apresentadas parte do entendimento sobre as “relações de poder”, a “produção de saber” e os “discursos de verdade”, produzidos e atuantes dentro do Asilo de São Francisco de Assis. No que se refere às “relações de poder”, estas podem ser analisadas através da relação entre a VOT e as distintas direções do Asilo de São Francisco de Assis, uma vez que elas deveriam informar aos administradores da VOT tudo o que acontecia dentro da instituição. Os contratos de prestação de serviços deveriam ser analisados e aprovados de acordo com os interesses das cadeiras administrativas.

Ao se pesquisar os saberes produzidos pelo asilo e pelas instituições vinculadas a ele, é preciso explorar, também, os “discursos de verdade” proferidos por elas, ou seja, investigar os discursos que foram aceitos e pronunciados pela sociedade daquela época. Diante dessa perspectiva, Foucault (1984), salienta que cada sociedade escolhe os discursos que ela acolhe e os faz funcionar como verdadeiros.

Neste trabalho, as “relações de poder”, as “produções de saber” e os “discursos de verdade” gerados pela VOT, pelo Asilo de São Francisco de Assis e pelas instituições anexas a ele serão analisadas de forma articulada, pois, como afirma Foucault (1984), o poder e o saber são interligados, uma vez que o exercício do poder cria o saber, e este faz o poder emergir e circular, ou seja, o saber acarreta os efeitos do poder. Para operar o poder utilizam-se os discursos que veiculam e produzem verdades.

1 Asilo de São Francisco de Assis

O Asilo de São Francisco de Assis, localizado na cidade de São João del-Rei, no estado de Minas Gerais, teve a deliberação para a sua construção em 1888, através do Termo de Deliberação da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, e encerrou suas atividades no início da década de 1970. No relatório apresentado à Mesa Administrativa da VOT, em 1º de julho de 1888, o objetivo do projeto de construção do asilo era atender a toda a população órfã, o que demandaria angariar donativos para além daqueles disponibilizados pelos irmãos da Ordem. Para além da proposta de atender a infância órfã, a criação do Asilo poderia

estar ligada aos efeitos da Lei de 13 de maio de 1888¹. O acontecimento da abolição da escravidão teve forte influência na criação do asilo, uma vez que, a partir daquele momento, não existiria mais a população escravizada e com isso, os filhos dos ex-escravizados não teriam como se sustentar nem onde morar.

O Asilo foi inaugurado em 1890, mediante a supervisão do Padre João Batista do Sacramento, com o nome de Asilo de S. Francisco para Órfãos. A instituição tinha como propósito acolher, assistir e educar meninos órfãos sem condições financeiras de sobrevivência. Os meninos recebiam sustento e moradia, além de receberem uma educação pautada nas faculdades físicas e morais, com elementos da doutrina cristã, escrita, leitura e contas (Estatuto do Asilo de São Francisco de Assis, 1891, p. 3). Em 1890, a direção do asilo foi entregue aos Padres Franciscanos, que proporcionaram aos asilados educação e formação de ofícios.

O Asilo recebia meninos com idade entre sete e quatorze anos, órfãos de pai e de mãe ou somente de pai e que fossem reconhecidos pobres e desvalidos. Os meninos assistidos pela instituição não poderiam ter “defeitos físicos” que os impossibilitassem realizar as atividades propostas pelo Asilo, e também não poderiam estar afetados por moléstias contagiosas ou crônicas. Os asilados poderiam ficar no Asilo de São Francisco de Assis até completarem 20 anos, salvo nos casos em que não tivessem condições de sobreviverem sozinhos ou se fossem convidados para dirigir alguma oficina oferecida na instituição. Esse movimento, de ser asilado e trabalhar no Asilo após sua formação, demonstrava o reconhecimento que esses meninos recebiam de sua dedicação e de seu trabalho durante sua internação na instituição.

Diante das informações expostas na ata de reunião de 1888 e no Estatuto de 1891, é possível perceber o discurso que os administradores do Asilo de São Francisco de Assis propagavam na cidade, no final do século XIX, pautado pelo enunciado de formação de meninos úteis a si próprios e à pátria, que poderiam viver honestamente de seu trabalho e contribuir com a sociedade.

Os elementos contidos no Estatuto do Asilo de São Francisco de Assis, disponibilizam informações sobre a função da instituição, bem como as características e condições de admissão dos meninos desvalidos e órfãos. Além de questões relacionadas ao

¹ A abolição da escravidão foi uma importante mobilização acontecida no Brasil, após a Proclamação da Independência, em 1822. De acordo com Domingues (2011), o processo de abolição finalizou a instituição que alicerçava a população brasileira, por mais de trezentos anos. Esse movimento foi produto de organizações em massa e pressões políticas e sociais.

poder da Mesa Administrativa, em criar uma instituição com regras próprias, ditadas pelos representantes da irmandade.

As oficinas ofertadas dentro da instituição eram diversas, dentre elas as voltadas para as profissões de sapateiro, funileiro, bombeiro, marceneiro, carpinteiro e de encadernador. Segundo o jornal O Repórter, de 1909, todas as oficinas eram montadas com muito capricho. Além de promover a formação dos asilados, as oficinas ajudavam na arrecadação de renda, pois os serviços já eram prestados à população, bem como no desenvolvimento das atividades do Asilo e na educação dos órfãos.

Ao que tudo indica, o Asilo não desenvolveu suas ações sozinho, ele contou com a ajuda de outras instituições que funcionaram em prédio anexo. Foram encontrados vestígios de vínculo do Asilo com as seguintes instituições: Instituto de Humanidades que depois virou Gymnásio São Francisco e o Instituto Padre Machado. Tais instituições que funcionaram em prédio anexo ao Asilo São Francisco de Assis, em diferentes épocas, fazendo com que a direção do Asilo e o fornecimento de ensino ficassem a cargo dos diretores dessas instituições anexas. Essas instituições tinham como obrigação prestar contas para a Mesa Definitória da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, com compromisso firmado em contrato. Acredita-se que o Asilo não tinha condições de desenvolver suas atividades sozinho, por isso, ele sempre estava ligado a outra instituição, apesar de a Ordem continuar a arcar com as despesas dos asilados. Acredita-se que as circunstâncias que levavam o Asilo a ser administrado pelos diretores de distintos estabelecimentos se relacionavam a educação para o trabalho e a formação moral desses meninos que essas instituições poderiam proporcionar.

2 A educação de meninos no Asilo de São Francisco de Assis

A preocupação com a representação da infância e sua educabilidade surgiu a partir das reivindicações sobre o papel da escola na formação da população. Com isso, por todo o processo de escolarização da infância, diversos projetos foram criados para a efetivação de sua educação, tendo na assistência e na caridade um apelo para a formação desses jovens cidadãos. A família também entrou no processo da efetivação da escolarização das crianças, tendo como figura forte a mãe, que ajudava na formação de sujeitos produtivos e civilizados. Esse ensino familiar poderia ainda ajudar no desenvolvimento do caráter e dos valores. Assim, a escola começou a ver na assistência e na família dispositivos fortes para a civilização (Guimarães, 2020).

Tendo nessas infâncias a emergência da “questão social” e a marca da pobreza, maneiras de assistir e de prestar caridade para essa parcela da sociedade foram pensadas. Assim, até o início do século XX, a assistência foi considerada uma maneira de suavizar a pobreza, tendo como marca principal o sentimento de fraternidade humana, de conteúdo paternalista, sem pretensão a mudanças sociais (Marcílio, 2019).

A difusão dos estabelecimentos destinados aos órfãos e desvalidos teve início nas primeiras décadas do século XIX, momento em que a nação passava por grandes transformações sociais e políticas. Um dos ideais difundidos relacionava a criação da instituição escola aos pensamentos sobre a escolarização da massa, de modo que se submetessem às leis e aos valores do governo, como respeito e ordem. Porém, esse período foi marcado pela sua precariedade. Em Minas Gerais não foi diferente, pois a região era constituída majoritariamente por sujeitos provenientes de camadas sociais menos favorecidas.

As instituições educativas pensadas para a infância pobre possuem sua própria identidade e sua produção de cultura, desde a história do fazer escolar, das práticas e condutas até os conteúdos inseridos num contexto histórico em que se dão o ensino-aprendizagem e a formação de sujeitos (Oliveira; Gatti Júnior, 2002). Desse modo, a educação fornecida, principalmente para a infância pobre, era pautada em valores e em costumes adequados para a formação de um bom cidadão.

Dessa maneira, as instituições pensadas para a educação da infância desenvolviam, em seu interior, práticas cotidianas que permitiam a efetivação de um saber e a distribuição de um poder. Essas práticas eram regras às quais os sujeitos estavam submetidos, isto é, os saberes que ensinavam estavam associados aos poderes que circulavam na sociedade. Assim, algumas instituições buscavam, a partir das práticas educacionais, o disciplinamento, criando corpos dóceis, resultando em relações ser-poder. Com esse poder disciplinar, o interesse era o de uma formação mais eficiente.

Como é possível perceber, as iniciativas para a infância não derivaram somente de políticas centrais de educação, elas surgiram a partir de diferentes grupos sociais que tinham como preocupação “o educar” para formar hábitos, condutas e formação moral para as crianças pobres. Dentro dessa perspectiva tem-se a atuação do Asilo de São Francisco de Assis, que buscou cuidar e formar uma parcela da sociedade, que fugia do idealizado pela Elite brasileira.

Após o acesso às informações contidas nos documentos investigados a respeito do funcionamento do asilo, foi possível identificar vestígios sobre a atuação da instituição na

formação dos meninos órfãos. Os dados encontrados direcionaram o interesse para a discussão sobre a representação das masculinidades construída pela instituição.

Podemos citar como pioneira no trabalho sobre masculinidades a socióloga Raewyn Connell, que publicou seu primeiro estudo referente a essa temática em 1995. Segunda a autora, a pesquisa sobre masculinidades oferece ricas bases para entender a definição, ou as definições, de homem em discussões globais (Connell, 2013). A definição de homem pode variar de acordo com a cultura em que o sujeito está inserido, ou seja, a classe social, o grupo étnico, a educação e os valores apreendidos, a religião, entre outros, interferem diretamente na possível prática social do ser homem.

É consenso entre os estudiosos do tema que masculinidade é um conjunto de atributos que trazem significados ao masculino e, ao mesmo tempo, marcam uma oposição e uma diferença ao feminino. Neste sentido, masculinidades é entendida, sobretudo, como relações que influenciam as práticas e as experiências físicas, pessoais e culturais dos sujeitos dentro da sociedade. Destarte, as masculinidades são consideradas uma construção cultural e política que possuem estratégias e mecanismos, de forma consciente ou inconsciente, que impõem as desigualdades de gênero, levando em conta a idade, a cor, a religião, o nível educacional e a classe social. É a partir desses critérios que as masculinidades divulgam novas referências a serem seguidas pelos homens.

2.1 Os meninos que ali frequentavam

Foi possível reconhecer aspectos importantes relacionados às características dos internos do Asilo São Francisco de Assis. Os dados encontrados direcionaram para a discussão sobre o registro de cor e a presença de meninos pretos e pardos na instituição.

Conforme menciona Foucault, no livro em “Defesa da Sociedade” (1999), o conceito de raça não é um conceito necessariamente e originariamente biológico. Raça para o autor é quando se fala de dois grupos que não têm a mesma origem local, nem a mesma língua e nem a mesma religião, ou quando dois povos possuem costumes e direitos distintos. De acordo com o filósofo, “a ideia de pureza da raça, com tudo o que comporta a um só tempo de monístico, de estatal e de biológico, será aquela que vai substituir a ideia de luta de raças” (p. 95). O discurso da luta de raças se transformou em um discurso revolucionário que promoveu uma arma em proveito da soberania conservadora do Estado, através de técnicas normalizadoras.

A Tabela 1 traz o quantitativo de menores internados de acordo com a cor de cada asilado nos anos de 1930 e 1931.

Tabela 1: Relação de menores internados por cor no Asilo de São Francisco de Assis (1930-1931)

Ano	Branco	Pardo	Preto	Moreno
1930	5	3	2	0
1931	7	2	1	1
Total	12	5	3	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir de folhas avulsas localizada no arquivo da Igreja de São Francisco de Assis.

A tabela acima detalha o número dos registros relacionado a dos internos entre os anos 1930 e 1931. É possível perceber que os meninos brancos eram em maior número que os demais registros de cor, como pardo, preto e moreno.

De acordo com os dados presentes nos documentos referentes à relação de menores internados entre os anos de 1930 e 1931, todos eram sanjoanenses, com idade entre nove e dezesseis anos. No ano de 1930, cinco meninos foram caracterizados como pretos e pardos, com idade entre doze e treze anos e cinco meninos eram descritos como brancos. Já no ano de 1931, todos os meninos ainda eram sanjoanenses com faixa etária entre onze e dezessete anos. Nesse ano, sete meninos foram descritos como brancos, dois como pardos, um como preto e um como moreno. Percebe-se que no ano de 1930 a nomenclatura morena não aparece, somente em 1931 é que essa terminologia aparece nos relatórios da instituição, porém o asilado que foi identificada como moreno, em 1931 era o mesmo asilado que foi definido como pardo em 1930. Já o asilado José Coelho Filho foi reconhecido como preto em 1930 e aparece como pardo em 1931. Entre os anos de 1930 e 1931 aconteceu uma troca de asilados, saindo um menor pardo e entrando um menor branco.

Movimento semelhante, de se realizar o registro de cor, acontecia na Casa de São José, em que a cor dos meninos atendidos era anotada no momento da matrícula. Segundo Castro (2019), a ação de registrar a cor se torna um ato simbólico que acompanhará o sujeito por toda a sua vida. Essa prática determina o sucesso, mas também as restrições às quais o menino poderá ser submetido dentro de uma sociedade impregnada pelo preconceito contra determinada cor de pele. Assim como no Asilo São Francisco de Assis, na Casa de São José o

número de meninos brancos predominou, com ocorrências maiores de pardos e em menor proporção os indivíduos pretos.

A partir dos dados elencados da relação de menores internados no Asilo nos anos de 1930 e 1931, ficou perceptível que o registro da presença de asilado de cor negra ocorreu em número menor em relação a cor parda e a branca, conforme foi observado nos registros de matrículas. Porém, podemos confirmar a presença de alunos negros dentro da instituição através da imagem apresentada e do quadro utilizado.

No período de registro dos meninos asilados do Asilo de São Francisco de Assis, o Brasil estava inaugurando uma nova era. O movimento da escola nova marca o início de uma nova educação no Estado de Minas Gerais. A educação passou a se relacionar com a concepção de cidadão. Estratégias começaram a ser pensadas para inserir na população novos hábitos, condutas e valores. A ciência foi utilizada como pretexto para disseminar discursos eugênicos e higienistas, a fim de conter o povo brasileiro. Identificar as diferenças seria uma estratégia utilizada para conter a diversidade, para que esse sujeito não se tornasse perigoso e que fosse então controlado (VEIGA e GOUVÊA, 2000). Controlar essa criança negra e pobre seria colocá-la em uma instituição nos moldes de internato, longe da sociedade, dos vícios, da mendicância e de seus sonhos.

Mesmo não tendo sido encontrado registros sobre a cor dos primeiros asilados recebidos pelo Asilo, no ano de 1891, acredita-se que houve a presença de libertos, sobretudo porque a instituição foi fundada no contexto posterior à promulgação da Lei Áurea.

Portanto, o modo e por quem o asilo era administrado demonstra homogeneidade dos discursos e das mobilizações para com a parcela da sociedade preta, parda e marginalizada. Como a raça foi uma ideia e uma prática aguçada após a Abolição da Escravatura, uma política de branqueamento foi instaurada através do eugenismo, pois pretendiam excluir e cercear o grupo que era inferior para uma nação civilizada.

2.2 Masculinidades e a orfandade

Diversas são as masculinidades identificadas nos diferentes contextos institucionais e culturais, não sendo possível se referir a uma única, visto que, segundo Connell (2003), cada sociedade atribui comportamentos diferentes pertencentes aos homens. No entanto, a autora expõe que, por mais diferentes que as sociedades sejam, no que se refere às masculinidades, estas partilham de alguns atributos em comum, como é o caso das masculinidades hegemônicas

que subordinam as masculinidades não hegemônicas. O padrão de hegemonia das masculinidades hegemônicas ganha força através do consenso cultural, dos discursos, da institucionalização e da marginalização.

O poder do masculino nos sistemas tradicionais é exercido através da presença, da verdade e da autoridade proveniente dos discursos masculinos. O controle praticado através das masculinidades hegemônicas, com a normatização da ordem social, por um conjunto de dispositivos de controle – discursos, valores e práticas –, acaba por impor autoridade no contexto da educação dos meninos órfãos, como será abordado neste trabalho.

Oliveira (1998) questiona o que vem a ser o papel masculino. Para o autor, são necessárias algumas questões para se caracterizar o papel do masculino dentro da sociedade. Segundo ele, os sujeitos sentem a necessidade de ser diferente das mulheres; de serem superiores aos demais, de serem independentes e autoconfiantes e de serem mais poderosos do que os outros através da violência. O comportamento masculino segue um modelo de conduta que restringe a subjetividade de cada homem, desenvolvendo nele estereótipos, angústias e tensões. O fato de o Asilo de São Francisco de Assis só aceitar meninos revela os costumes impregnados na Mesa Administrativa da VOT e os discursos que se perpetuavam em uma sociedade patriarcal².

Conforme consta nas folhas avulsas, encontradas no arquivo do Asilo de São Francisco de Assis, alguns critérios são apresentados e utilizados pela administração do asilo para o aceite dos meninos. O uso desses critérios repercute nas ações sobre as masculinidades incorporadas pela sociedade, seus administradores e conseqüentemente adotadas pela instituição.

No recorte do jornal O Repórter (1907), pode-se verificar o exercício do poder, ou seja, a produção da masculinidade na ação de um dos diretores do asilo, que demonstrava sua superioridade através das ações desumanas e desastradas na direção do asilo e no tratamento dos asilados. Segundo denúncia no periódico, o diretor obrigava os asilados a trabalhar, a pegar no ancinho e na enxada, além de prendê-los dentro da instituição.

Os prestígios produzidos pelas masculinidades geram representações nas atitudes dos homens. O privilégio inserido no modo de viver do masculino demonstra as atitudes para a legitimação do poder e dos comportamentos vistos como corretos para a sociedade patriarcal.

² Segundo Brügger (2007), o termo patriarcalismo está relacionado diretamente ao domínio masculino sobre a família. Para a autora, este poder pode se manifestar em diferentes lugares, como no espaço doméstico e na esfera política.

Essas atitudes podem ser vistas nas ações de um dos administradores do asilo, Dr. Mourão, para com a formação dos asilados. Para manter o seu poder e disseminar seus ideais masculinos, o administrador impôs sua autoridade trancando todas as portas do asilo e mantendo os asilados presos dentro da instituição. A partir dos documentos encontrados, acredita-se que o asilo seria um exemplo de domínio masculino que contribuiu para a manutenção e o funcionamento das estruturas patriarcais. Exemplo dessa ação foi a masculinidade exercida sobre os meninos asilados que tinham uma certa “liberdade” de ir e vir. Contudo, tal liberdade foi perdida com a ação do administrador, fazendo com que os meninos se rebelassem contra a sua imposição.

No estatuto do Asilo de São Francisco de Assis de 1891 aparecem os ideais de masculinidades defendidos pelo Estado e difundidos na sociedade. A instituição tinha como função educar os meninos órfãos e ensiná-los artes e ofícios para que pudessem viver honestamente de seu trabalho. Ou seja, o propósito da instituição era formar homens úteis, trabalhadores e ordeiros. O que ia de encontro com o desejado pelo Estado e pela Elite.

Considerações Finais

No século XIX, a vida infantil foi alvo de instituições diversas e suas vivências estiveram relacionadas a valores e princípios da vida adulta. A junção dos poderes das diferentes esferas sociais buscava formar indivíduos comportados, obedientes e úteis a si e à pátria.

Das diferentes infâncias criadas, a pobre foi a que mais sofreu com as novas imposições da sociedade vigente. A criança desvalida, pobre e órfã necessitava de controle e era conduzida à idade adulta dentro dos padrões estipulados pela sociedade da época. Sua educação se pautava na formação e preparação para o exercício da cidadania, com objetivos na sua composição familiar futura. Para a formação e a educação da infância pobre, instituições específicas foram criadas, como os asilos, cujo objetivo maior se vinculava à subordinação desses sujeitos aos discursos moral, higiênico, religiosos e disciplinar do período.

Deliberado para a sua construção no ano de 1888, o Asilo de São Francisco de Assis tinha por objetivo atender a infância órfã, pobre e desvalida. Com o propósito de acolher, assistir e educar meninos órfãos sem condições financeiras de sobrevivência, a instituição buscava garantir sustento, moradia, asseio e agasalho, além de oferecer uma formação para faculdades físicas, morais e para o aprendizado de artes e ofícios.

O Asilo de São Francisco de Assis mantinha a dinâmica da cultura das masculinidades, “o ser homem”, a partir da posição de liderança exercida através de ações dos administradores da VOT sobre as atitudes dos diretores do asilo no cuidado, na formação e na educação dos asilados.

A partir das anotações referentes a cor dos asilados, foi constatado que o Asilo de São Francisco de Assis atendia meninos pretos, pardos, brancos e morenos. Mesmo em menor proporção, os meninos pretos eram sempre presentes nos registros e fotografias do Asilo. Ao que tudo indica, o Asilo São Francisco de Assis desenvolveu ações que foram ao encontro dos ideais eugenistas da época ao asilar meninos pretos e pardos, proporcionando a eles atividades mais direcionadas aos afazeres manuais, mecânicos e técnicos, formando-os para o trabalho.

O discurso aceito e imposto pelos administradores do asilo era marcado pelo enunciado de formação de meninos úteis a si próprios e à pátria, que poderiam viver honestamente de seu trabalho e contribuir com a sociedade.

Referências

- ASILO SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Estatuto do Asilo de São Francisco de Assis**. São João del-Rei, Minas Gerais. Arquivo da Igreja de São Francisco de Assis, 1981.
- BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. **Minas patriarcal**: família e sociedade (São João del Rey – séculos XVIII e XIX). Annablume, 2007.
- CASTRO, Marcele Moreira de. **A escolarização do aluno negro**: a história dos Meninos da Casa de São José (1888-1916). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 40, p. 323-344, jan./jun. 2013.
- DOMINGUES, Petrônio José. A redenção de nossa raça: as comemorações da abolição da escravidão no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 19-48. 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (4. ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GUIMARÃES, Paula Cristina David. A escrita educacional feminina de Maria Lacerda de Moura (1918-1919). **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, p. 1639-1663. 2020.
- GUIMARÃES, Paula Cristina David. **Uma educadora republicana**: a face desconhecida de Maria Lacerda de Moura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

A Esmo. **O Repórter**, São João del-Rei, ano III, n. 62, p. 1, 8 de dezembro de 1907. (Arquivo do Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional, São João del-Rei).

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica (7. ed.). Porto Alegre: Mediação, 2015.

MACHADO, Vanderlei; SEFFNER, Fernando. Florianópolis 1889/1930: estratégias de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas. **História**, São Paulo, v. 32, n.1, p. 354-376, jan./jun. 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada** (3. ed.). São Paulo: Hucitec, 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 53-79.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M.; GATTI JÚNIOR, Décio. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 1, p. 73-76, jan./dez. 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. **Revistas Estudos Feministas**, v. 6, n.1, p. 1-23. 1998.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, p.1-35, jul./dez. 1995.

VEIGA, Cynthia Greive. Cultura escrita e educação: representações de criança e imaginário de infância: Brasil, século XIX. In: LOPES, A.; FARIA FILHO, L. M. de.; FERNANDES, Rogério (Org.). **Para compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 39-66.

VEIGA, Cynthia Greive, GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 135-160, jan./jun. 2000.

Education of the Sanjoanense Orphanage: The Case of the São Francisco de Assis Asylum

Abstract: This article aims to understand the role of the São Francisco de Assis Asylum in the city of São João del-Rei - MG between 1888 and 1940, in the service provided to orphaned children. The time frame was established considering the initial institution's first construction project in 1888, up to 1940, the year the education of the asylum's children began to take place in the city's school groups. For this research, various historical sources were used, such as the São Francisco de Assis Asylum's statutes, the minutes of the VOT meetings, and local newspapers. For the data analysis, Foucault was used above all, in terms of the “power relations” and the “production of knowledge and truth”, which contributed to the understanding of the care provided to the orphaned children of São João del Rei. The results indicate that the education provided was focused on learning arts and crafts, to form disciplined citizens fit for the work world and serve their country, and to train male individuals, i.e. orderly, healthy, productive, and useful men.

Keywords: São Francisco de Assis Asylum; Education of orphaned children; Vocational training.

Recebido: 28 novembro 2024

Aprovado: 28 janeiro 2025